



Francisco Simões  
Investigador Auxiliar no ISCTE

# Futuristas em vez de turistas

O futuro é um tempo ambíguo, com tanto de sonho e projeto como de incerteza. É, por isso, natural que lidemos com ele de forma contraditória, embora quase sempre o evitemos. A negação é muito poderosa e está aí para continuar, porque nos ajuda a sobreviver. Mas só até certo ponto.

Para quem decide, o futuro deveria ser muito mais do que sobrevivência. E isso implica propor visões, definir estratégias, conceder que o caminho se faz de avanços e recuos, avançando sempre mais do que recuando. A capacidade de lidar com o desconhecido, procurando antecipá-lo e moldá-lo, não deveria ser tão desconsiderada. Mas neste presente reativo, muito suscetível ao próximo título da imprensa ou submetido à exigência performativa das redes sociais, o futuro tornou-se uma impossibilidade para os decisores. Poderia lastimar, dizer que é uma pena, mas é bem pior do que isso. Negar o futuro em política é semear o descontentamento e a desconfiança, produzindo outros futuros, com consequências bem conhecidas.

A necessidade de prever e antecipar

afigura-se ainda mais urgente no presente que se vai afirmando, especialmente para uma região pequena como os Açores. Os factos estão aí. Escrevo este texto na altura em que os jornais anunciam que o barril de petróleo atingiu 118 dólares nos mercados internacionais. O conflito no Médio Oriente é uma aventura sem qualquer estratégia política, cujos efeitos não são assim tão imprevisíveis, atendendo ao histórico recente. Outros impactos económicos, mais conflitos na vizinhança e vagas migratórias não serão surpresa. O xerife global é, como sabemos, louco. Um louco com poder não olha aos meios, nem teme os fins. A Europa esconde-se na própria sombra, contrariando-se.

Neste quadro internacional que só vai piorar, os Açores já enfrentam tendências que poderão acelerar uma crise de grandes proporções. A mobilidade aérea degrada-se muito para além das discussões sobre a plataforma de acesso ao subsídio correspondente. A Ryanair está de partida e as alternativas providenciadas pela SATA e pela TAP são insuficientes. A economia cristalizou em torno de um dos seto-

res mais expostos a grandes choques. É bom recordar que 17% do PIB e da população ativa estão associados ao turismo. Os grandes investimentos no âmbito do PRR vão terminar em finais de 2026. O quadro plurianual que se

**O desemprego estará na primeira linha das preocupações, porque o trabalho nos Açores continua a ser desqualificado.**

segue já não será tão benevolente como os anteriores e o tempo de erigir grandes infraestruturas terminou. Entretanto, os primeiros sinais da disrupção estão aí, para quem quiser interpretá-los. E não se medem em número de dormidas, talvez o indicador mais detestável que a imprensa regional decidiu adotar como medida disto tudo. O número de jovens nem em emprego, nem em educação voltou a crescer, depois de quebras sucessivas. Es-

tão sempre na primeira leva das inversões negativas.

Perante isto, a região tem de se preparar. Haverá um tempo para pensar e definir as linhas de ação. O desemprego estará na primeira linha das preocupações, porque o trabalho nos Açores continua a ser desqualificado. Em 2008, perderam-se 10.000 empregos na construção civil, é bom recordar. Quantos se perderão, desta vez, nesse setor e também no turismo? Haverá, depois, um tempo para comunicar. Os açorianos precisam de saber quais são os futuros alternativos possíveis, pelo menos a curto prazo. A comunicação serve para gerar confiança e não uma perpétua encenação. Depois, haverá um tempo de ação e essa não pode tardar.

Podemos fingir que nada disto nos afetará. Os impactos por cá são diferidos, sentem-se mais tarde, mas chegarão. Certo é que não precisamos de mais turistas, mas sim de mais futuristas, gente capaz de prever o que aí vem e sem medo do desconhecido. Na história ficam esses. Os outros são apenas marginais ou nota de rodapé. ■